

## NOTAS E PARALLELOS FOLKLÓRICOS

## VI — Romance de D. Gato

## 1. Versões de Elvas

- a. Estando lo senhor D. Gato,  
 Na sua cadêra sentau,  
 Com sua méa de seda,  
 Seu sapatinho virau,  
 Recebeu nma noticia,  
 Que estava para casau,  
 C'uma gatinha morena,  
 Que nam tinha dom nem rabo.
- b. Estando o senhor D. Gato,  
 Na sua cadeira sentau,  
 Calçando meia de seda,  
 E seu sapatinho virau,  
 Sua cassaca vestida,  
 Seu chapésinho embicau,  
 Cartas novas lhe vieram,  
 Que havia de ser casau,  
 C'uma gatinha morena,  
 Que tinha o dote no rabo.

Colligidas por A. Thomaz Pires. F. Adolpho Coelho, *Os Jogos e as Rimas infantis de Portugal*. Extrahido do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie 4.<sup>a</sup>, n.º 12, pag. 26.

## 5. Versão gallega

Estando o Señor don Gato  
 En silla d'ouro sentado,  
 Poñendo media de seda  
 Y o seu zapato picado,  
 Mandáronlle cartas novas  
 Se quería ser casado,  
 C'unha gatiña morena  
 D'unha pintiña no rabo  
 O gato co'a alegría  
 Subiu-se logo á un tellado,  
 Unha pulga deull'un couce  
 E' caiu o gato embaixo,

Partindo catro costellas  
 E a metade d'o espinazo.  
 Mandou logo chamar curas  
 Pra dar conta d'o robado:  
 Sete varas de chorizo,  
 Ontro tanto d'adubado,  
 Unha xerriña d'aceite  
 Pra facer millor guisado.

Milá y Fontanals, in *Romania* vi, 71: «Una mujer de Menargues (pueblo catalan fronterizo de Aragon) nos dijo haberlo aprendido de los gallegos que pasaban por allí.»

### 3. Versão gallego-castelhana

Estando el señor jato (=gato)  
 Sentado na sua silla,  
 Calsando médias de seda,  
 Sapatos de oro picado  
 Con el sombrero á los tres bentos,  
 Parecía un escribano,  
 Le llegó una noticia  
 Que habia de ser casado,  
 E el jato con la risa  
 Cayó de la silla en baixo;  
 Quebró las siete costillas  
 Tambièn la punta del rabo;  
 Maudó á llamar lus médicos  
 Y tambien un surjano,  
 Para hacier testamento  
 De lo qui habia róbado,  
 Binte libras de tócinu,  
 Siete jallinas y un jallo.  
 Ah! pobrecito jato!  
 Que no si entierra in sagrado!  
 Intierra-se en num campo bérde,  
 D'onde paseja el janado,  
 Con la cabezita fuera  
 Y en cabelo bien peinado,  
 Para quien pase por allí  
 Dija: «Aqui murió un disdichado.»  
 Mico jato meu!

Colhido da boca d'un gallego por J. Leite de Vasconcellos. *El Folk-Lore bético-extremeño*, año 1, n.º 1, pp. 99-100. Frejenal, 1883.

## 4. Versao andaluza

Estaba señor don gato  
 en silla de oro sentado  
 calzando media de seda  
 y zapatito picado  
 Llegó su compadre y dijo  
 si queria ser casado  
 con una gata morisca  
 que andaba por los tejados.  
 El gato por verla pronto,  
 cayó del tejado abajo  
 se ha rompido tres costillas,  
 se ha descoyuntado un brazo;  
 venga, venga presto el médico,  
 sangrador y cirujano,  
 y sobre todo que venga  
 el doctor señor don Carlos.  
 El señor don Carlos manda,  
 despues de haberle pulsado,  
 que maten á una gallina  
 y que le den buenos caldos.  
 Al otro dia de mañana,  
 amaneció muerto el gato:  
 los ratones de alegría  
 se visten de colorado;  
 las gatas se ponen de luto,  
 los gatos capotes largos,  
 y los gatitos chiquitos  
 dicen miau, miau, miau.

Ferd. Wolf, *Beiträge zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's*. Sitzb. d. K. Akad. d. Wissenschaften, phil. hist. Classe. xxxi. Bd. 1. Hft. pp. 155-156. (Do romance *Cosa cumplida*.)

## 5. Outra versão andaluza

Estandu señor dun gato  
 Sentadu en sillón de palu,  
 Haciendu media de puntu,  
 Zapatitos encarnadus;  
 Vinu una jata rabona,  
 Chiquetita y de este barriu,  
 Y un dia por darle un besu,  
 S'ha caidu d'un tejadu;  
 S'ha quebrau siete costillas  
 Y un brazu descoyuntadu.

Lllaman al cura,  
 Birlura,  
 Para hacer el testamentu  
 Birlentu  
 Que lu entierren en sagradu,  
 Birladu

Dunde nun pase janadu,  
 Yá la cabecera pongan  
 Un Christu crucificadu,  
 Y á lus pies una bandera  
 De tafetan encarnadu,  
 Cun un letrero que diga:  
 «Aqui murió el desgraciadu ;  
 Nun murió de calentura,  
 Niu d'olor de custadu,  
 Que murió de mal d'amores,  
 Que's d'olor desesperadu.»

Atribúyesele un origen gallego y de aquí el lenguaje usado en la alicantina copiada, lenguaje que el pueblo andaluz supone imitación perfecta del de los asturianos, gallegos, etc.; que, como de los moros y franceses, dicen que todos son unos. Sirva en descargo de my paisanos el saber que cuando los españoles del norte quieren imitar el lenguaje andaluz, suelen decir: «Soy de Guerez; eche usted fierro compadre,» *et sic de ceteris*. Compárese el final de la alicantina con el del 1.º de los *Juegos de rueda* que publiqué en el num. 3.º de esta Revista. Recuerdo incompleta una relación muy parecida que empieza de este modo:

Estando un gato sentado  
 En su gran sillón de palo,  
 Le ha venido la noticia  
 Que si quiere ser casado  
 Con una gata morisca,  
 Hija de un gatillo pardo, etc.

*El Folk-Lore andaluz*, año 1 (1882), pp. 371-372.

As versões que reumi do *Romance de D. Gato* teem interesse por nos apresentarem ao vivo o facto da sua transmissão. O romance é uma parodia, cujo começo lembra o dos RR. da *Dona Infanta*<sup>1</sup> e d'outros ainda e que pelo seu character não deve ser antigo. A Galiza, Portugal e a Catalunha foram estranhos á elaboração original dos romances antigos e verdadeiramente populares que nestas regiões

<sup>1</sup> Th. Braga, *Romanceiro geral*, n.º 1 e 2, etc. Cf. p. ex.: Sentado está el señor Rey — en su silla de respaldo. *Romanceiro geral*.

tem sido encontrados: receberam-nos de Castella, como já Ferdinand Wolf mostrára relativamente a Portugal e Catalunha, num escripto em que characterisa perfeitamente a litteratura d'esses dois paizes <sup>1</sup>. Os povos, falhos d'originalidade litteraria, pendem para a parodia. Notou-se esse facto em relação á Italia, onde todavia apparece o genio compensador de Dante. Na litteratura portugueza abunda a parodia. Já no Cancioneiro do Vaticano ha uma parodia de *Canção de gesta*. Em o nosso theatro contemporaneo o genero é cultivado com afiço. Não se esqueça todavia que a propria Grecia teve a *Batrachomyomachia* e que a França medieval nos apresenta parodias epicas como *Audigier* e *Le siège de Neuville*. São sobretudo os factos especiaes relativos ao *R. de D. Gato* que tornam muito provavel a sua origem gallega.

As versões (incompletas) colligidas por A. Thomaz Pires mostram-nos o *R.* a passar da forma hispanhola (extremenha) para a portugueza; do mesmo modo, em muitos dos antigos romances populares da tradição portugueza, as formas castelhanas revelam a origem extranha.

E' assim que o *R. de Gerinaldo* (Versão de Traz-os-Montes), que se pretendeu não nos ter vindo atravez de Hispanha <sup>2</sup>, revela a sua origem castelhana na forma *castillo*, conservada por causa da rima.

147. 1899

<sup>1</sup> *Proben portugiesischer und catalanischer Volksromanen: Mit einer literar-historischen Einleitung über die Volkspoesie in Portugal und Catalonien*. Wien, 1856, 8.º (Aus dem Märzhefte des Jahrganges 1856 der Sitzungsberichte der phil.-hist. Classe der kais. Akademie der Wissenschaften [xx. Bd., S. 17] besonders abgedruckt.)

Sobre as origens hispanholas dos RR. populares portuguezes vid. tambem Th. Braga, *Historia da poesia popular* (Porto, 1867), pp. 137 ss. O auctor d'esse livro não soube tirar as consequencias dos factos reunidos no *l. c.* e esqueceu-se muitas vezes d'elles, que em verdade tinham na maior parte sido já notados por Ferd. Wolf.

Sobre as mesmas origens, vid. ainda algumas observações sensatas de J. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro portuguez (Bibliotheca do povo e das escolas)*, Introdução. Discordo deste auctor quando, seguindo Th. Braga, admittê que, nos tivessem vindo romances pelos cruzados e os Gallo-Frankos, que se estabeleceram em territorio portuguez, ao Sul. A historia inteira do romanceiro hispanhol e os factos seguros que respeitam aos RR. portuguezes testemunham contra a hypothese da transmissão pelos cruzados e Gallo-Frankos. Vid. D. Manuel Milá y Fontanals, *De la poesia heróico-popular castellana* (Barcelona, 1874) livro não lido dos citados auctores portuguezes; vid. nelle especialmente para o caso as investigações sobre o cyclo carolingio, pp. 327-379. Cf. Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, pp. 203-217.

De Puymaigre, *Romanceiro*, p. xi, diz: «Almeida Garret, dont l'opinion a été sanctionnée par Wolf, faisait remonter un vieux romance aux compagnons d'Henri de Bourgogne» e cita p. 54 do escripto alludido de Ferd. Wolf, onde este não sanciona a tal opinião de Garret, mas diz simplesmente que o *R. A Infaticada* está mais proximo da versão franceza, verosilamente original, que a castelhana *De Francia partió la vida (Primavera y Flor de romances*, n.º 154).

Mais avisado anda o auctor francez quando diz, p. xlix: «Les romances portugais les plus anciens ne semblent pas dépasser le xve siècle.»

<sup>2</sup> Th. Braga, *ob. cit.* n.º 6 e nota correspondente.

Não é esse o unico criterio da origem dos nossos romances. Acima de tudo está em primeiro logar a comparação directa com os RR. hispanhoes, e em seguimento com os das nações d'além dos Pyreneus. Na Hispanha pode ter-se perdido o prototypo de um romance portuguez, que todavia de lá viesse: aqui a critica deve dispôr de todos os elementos combinatorios existentes para a solução do problema. P. ex., attribuiu-se origem portugueza ao R. da *Nau Catherineta* e foi-se na hallucinação até a achar os elementos d'elle numa relação portugueza de naufragio <sup>1</sup>; mas a comparação com os romances extra-peninsulares do mesmo cyclo, desconhecidos de Garret e do continuador d'este, Th. Braga, tornam evidente a sua origem não portugueza e provavel a sua passagem pela Hispanha antes de chegar a Portugal, e tanto mais quanto é certo que nas Asturias se achou um R. incompleto do cyclo, com versos que se reproduzem nas versões portuguezas <sup>2</sup>.

A historia da poesia popular portugueza está por fazer. Os livros do snr. Th. Braga sobre o assumpto <sup>3</sup> contem alguns materiaes aproveitaveis ao lado de muita coisa extranha; mas são apenas compilações desordenadas, muito falhas de critica, feitas com ignorancia até do que seja o verdadeiro sentido da expressão *poesia popular*, recheadas de theorias absurdas, revelando conhecimentos muito limitados, pela ~~parte~~ parte de segunda mão, da litteratura dos outros paizes sobre a poesia popular <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Idem, *ob. cit.* n.º 23; *Cantos populares do Archipelago Açoriano*, RR. n.ºs 37, 38, 39 e 40 e nota correspondente. Numa versão açoriana apparece a forma hisp. *chiquito*, trocada inintelligentemente por *p'iquito* noutra dessas versões.

<sup>2</sup> Sobre o cyclo de RR. a que pertence a *Nau Catherineta*, vid. R. Kochler em *Literaturzeitung* (Jena) 1874, artigo 301; A *Wonderfull ballad of the seafaring men*. By Professor Grundtvig em *The Folk-Lore Record*, vol. III, Part. II, 7 a (versão dinamarqueza); Le Comte de Puymagre, *Romanceiro. Choix de vieux Chants portugais* (Paris, 1881), pp. 173-174.

Como já Ferd. Wolf notou (*Proben*, etc., p. 89 ss.), o elemento demoniaco, que se nota no R. da *Nau Catherineta*, é em extremo raro nos RR. peninsulares. De Puymagre diz tambem: «L'intervention du diable, lequel n'a que rarement un rôle dans les fictions méridionales, ne se produit pas dans toutes les leçons de la *Nef Catherineta*.»

<sup>3</sup> *Historia da poesia popular portugueza*. Porto, 1867, 8.º peq.; *Epopéias da raça mozarabe*. Porto, 1871, 8.º peq. Os erros destas obras repetem-se em livros posteriores do mesmo auctor. Vid. a nota seguinte.

<sup>4</sup> Cf. as criticas de A. Morel-Fatio na *Romania*, II (1873), pp. 124-134 e pp. 369-370. Para exemplo da paixão do snr. Th. Braga pelos seus erros, notarei que depois de Morel-Fatio e G. Paris terem posto ao ar as raizes do disparate, repetido de Garret, por aquelle auctor, sobre o *malato* do R. da *Infantina*, palavra que significa *doente*, *leproso* e nada tem que ver com o *malado* do *Elucidario* de Viterbo, o snr. Braga repete o erro no seu livro *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições* I, p. 84 (Lisboa, 1886). Com referencia ás obras sobre poesia popular do mesmo escriptor portuguez, disse Milá y Fontanals, que conheceu a fundo a historia da poesia popular da nossa península: «Al citar las colecciones de este autor, mas fieles e copiosas que la de Almeida Garret, debemos advertir que estamos muy distantes de admitir ciertas ideas que con especial insistencia en ellas se exponen.» *Romania*, VI (1877), p. 52, n. 2.

maior

## VII—Oração dos anjos da guarda

## 1. Versões portuguezas

Na *România*, III, p. 267 publiquei a seguinte oração que o nosso povo reza ao deitar-se na cama (versão de Celorico de Basto):

a. Graças a Deus	E persino-m'eu.
Que já me deitei,	Benta é a hora
Com sete anjos	Em que Christo nasceu;
Me encontrei;	Bento o altar,
Tres aos pés,	Benta a hora
Quatro á cabeceira,	Que me en fui deitar.
E Nossa Senhora	Tange a hora;
Na deanteira;	O Christo a tange
E ella me disse	A virgem a adora.
— «Dorme e repousa;	Ditosa a alma
Não te temas	Que se deita
De nenhuma cousa.»	Nesta hora.
Persina-te	

Posteriormente publiquei a seguinte versão colhida da bocca d'uma mulher do Carregal (Beira):

b. Nesta cama me deitei  
 Sete anjinhos nella achei;  
 Tres aos pés quatro á cabeceira;  
 Nossa Senhora na deanteira.  
 Christo a adora  
 Bemdita seja a alma  
 Que se deita nesta hora.  
 A cruz se deite commigo,  
 A cruz da divindade,  
 A cruz se deite commigo  
 Da sanctissima Trindade.

Desça Deus do ceo á terra  
 E se metta entre mim  
 E Jesus crucificado  
 Falle e responda por mim.  
 Nem meu corpo seja preso,  
 Nem minha alma perdida,  
 Nem meu sangue derramado.  
 Padre Nosso e Ave-Maria.

A seguinte versão de Taboação foi colhida pelo meu amigo J. Leite de Vasconcellos:

- c. Nesta cama me venho deitar,  
 Quatro anjos hei-de achar;  
 Dois aos pés, dois á cabeceira,  
 Nossa Senhora na dienteira,  
 Ella me disse: «Dorme e repousa;  
 Num tenhas medo nem temor,  
 Nem de noite, nem de dia,  
 Nem no pino do meio dia».

## 2. Versões estrangeiras

Encontram-se espalhadas por toda a Europa christã versões d'esta oração, ou antes da primeira parte, relativa aos *anjos protectores*; ha versões que correspondem de modo mais ou menos perfeito ás nossas portuguezas. Indicarei algumas.

a. Dinamarqueza, publicada por Lyngby, p. VIII do seu prefacio ao livro de E. Hagerup, *Om det danske sprogi Angel*, citado por Reinhold Köhler no *Jahrbuch für der romanische und englische Literatur*, VIII, p. 416.

Om Avtne ven æ i Seng gær,  
 Så manne Gujs Engle fô mè stær:  
 To ve mit Høj,  
 To ve min Fø'r,  
 To ve min hÿr Sí,  
 To ve min vinstr Sí,  
 To te ã dæk mè  
 To te ã væk mè,  
 To, de mè æ Vej vis  
 Uri den himmelsk Paradis.

b. Allemã, publicada por Dr. Sachse no seu escripto *Ueber Volks- und Kinderdichtung*, no *Jahresbericht über die höhere Knaben-Schule Postdamer-Strasse*, n.º 3, etc. Berlin, 1869.

Abends, wenn ich zu Bette geh,  
 Vierzehn Engelchen um mich stehn:  
 Zwei zu Häupten  
 Zwei zu Füßen,  
 Zwei zu Rechten,  
 Zwei zu Linken,  
 Zwei, die mich decken,  
 Zwei, die mich wecken,  
 Zwei, die mich weisen  
 Zu dem himmlischen Paradeize.

Como se vê, esta versão é perfeitamente correspondente á dinamarqueza acima transcrita.

c. Ingleza, reproduzida no art. citado de R. Köhler no *Jahrbuch*, de J. Harland and T. T. Wilkinson, *Lancashire Folk-Lore* (London, 1867) p. 69.

Mathew, Mark, Luke, and John,  
 Bless the bed that I lie on;  
 There are four corners to my bed,  
 And four angels overspread,  
 Two at the feet, two at the head.  
 If any ill thing me betide,  
 Beneath your wings my body hide.  
 Mathew, Mark, Luke, and John,  
 Bless the bed that I lie on. Amen.

d. Francezas (*Melusine*, 1, p. 308, 190; cf. 390):

Petite Patenôtre blanche  
 Que Dieu fit,  
 Que Dieu dit,  
 Que Dieu mit en paradis.

Au soir m'allant coucher,  
 Je trouvai trois anges à mon lit couchés,  
 Un aux piés, deux au chevet,  
 La bonne Vierge Marie au milieu,  
 Qui me dit  
 Que je m'y couchis  
 Que rien ne doutis;  
 Le bon Dieu est mon père,  
 La bonne vierge est ma mère,  
 Les trois apôtres sont mes frères,  
 Les trois Vierges sont mes sœurs

La chemise où Dieu fut né,  
 Mon corps en est enveloppé;  
 La croix Sainte Marguerite  
 A ma poitrine est écrite.

Madame s'en va sur les champs  
 A Dieu pleurant,  
 Rencontre monsieur saint Jean.  
 Monsieur saint Jean, d'où venez?  
 Je viens d'*Ave salus*.  
 Vous n'avez point vu le bon Dieu?  
 Si est, dans l'arbre de la croix,

Les pieds pendans  
 Les mains clouans,  
 Un petit chapeau d'épine blanche sur la tête.

Qui la dira trois fois au soir,  
 Trois fois au matin,  
 Gagnera le paradis à la fin.

(Thiers, *Traité des Superstitions*, 1, p. 97.)

Dieu l'a faite, je la dis;  
 J'ai trouvé quatre anges couchés dans mon lit,  
 Deux à la tête, deux aux pieds  
 Et le bon Dieu au milieu.  
 De quoi puis-je avoir peur?  
 Le bon Dieu est mon père,  
 La Vierge, ma mère,  
 Les saints sont mes frères,  
 Les saintes, mes sœurs  
 Le bon Dieu m'a dit:  
 Lève-toi, couche-toi,  
 Ne crains rien; le feu, l'orage et la tempête,  
 Ne peuvent rien contre toi!  
 Saint Jean, saint Marc, Saint Luc et saint Mathieu  
 Qui mettez les âmes en repos  
 Mettez-y la mienne, si Dieu le veut.

(Charente).

Je me suis couché dans un bon lit;  
 Il y avait moult anges.  
 Jésus-Christ est mon père,  
 La sainte Vierge, ma mère,  
 Saint Pierre est mon parrain,  
 Saint Jean-Baptiste, mon cousin.  
 Je puis bien passer la nuit,  
 J'ai quatre bons amis,  
 Qui gardent ma place dans le Paradis.

(Warloy-Baillon, Amiénois).

e. Venezianas en Bernoni, *Pregchiere Popolari Veneziane*. Venezia, 1873 (reproduzidas em *Ausland*, 1876, p. 303):

a) In leto me ne vago  
 La mia vita ghe la dago;  
 Ghe la dago a San Zuane,  
 Chè el mondo no me ingane,  
 Nè de di, nè de note,  
 Fin al punto de la mia morte:

Segna ti,  
 Segna mi,  
 Segna el leto e el cavezal  
 Segna mi che só mortal.

In nome del Padre, del Figliuolo, e de lo Spirito Santo. Ame.

b) Me ne vago in leto  
 Co l'Anzolo perfeto  
 Co l'Anzolo di Dio,  
 Co San Bartholomio,  
 Co la Madre benedeta,  
 Co Santa Elisabeta,  
 Co i quatro Evangelista  
 Co San Giovanni Batista;  
 Che i me porta la so santa benedeta benedizion:  
 Gesù, Guisepe e Maria,  
 Benedi'l cor e l'anema mia.

f. Versão italiana de Pontelagoscuro, provincia de Ferrara, publicada na *Revista de Filologia romanza*, II, p. 208 por G. Ferraro:

Mi na vagh a lett,  
 Cun l'anzol perfett,  
 Cun l'anzol de Dio.  
 Vi ricumaud l'anima mia.  
 Vu, Signor, ch'al savi,  
 Bona uardia mi fari,  
 Tre cos vi dumand,  
 Cunsion, comunion,  
 Benedission del Spirit Sant.

Não é meu intento estudar agora as relações d'essas versões, em que ha combinações de diversos elementos que ora faltam numas ora noutras; similhante trabalho poderia dar resultados interessantes extendendo-se a um maior numero de versões do que conhecemos. Köhler no artigo citado do *Jahrbuch f. rom. und engl. Lit.*, VIII, p. 409-417, apresenta um specimen de investigação comparativa sobre as versões que ali reune e cita um trabalho seu sobre a mesma oração na *Germania* de Pfeiffer V, p. 448-56; XI, p. 435-45 e addições de Maurer na mesma publicação XII, p. 234-36.

Como se vê, a oração acha-se espalhada nos paizes germanicos e romanicos. Qual é a sua patria primitiva, de que irradiou?

Koehler cita as observações do professor Paganini que tornam verosimil que a oração tivesse sido composta por um franciscano de Pistoia e que franciscanos a tornassem conhecida fora da Italia (*Jahrbuch*, VIII, p. 417).

A historia da nossa oração offerece pois interesse para a questão das migrações das composições poeticas e sua assimilação pelos diversos povos, questão cujos termos são mal conhecidos ou vistos sem clareza por certos pseudo-ethnologos.

A nota precedente, como outras do mesmo genero, materiaes para um estudo sobre a transmissão das tradições populares, estava já em manuscrito ha cerca de nove annos. Depois disso tive occasião de notar mais algumas versões da mesma oração.

1. Duas versões catalãs em Francisco Maspons y Labrós, *Jochs de la Infancia* (Barcelona, 1874) pp. 61-62.

2. Tres versões de Gasconha em Jean-François Bladé, *Poésies populaires de la Gascogne* (Paris, 1882) vol. I, pp. 27-35.

3. Duas do Tirol em Ignaz v. Zingerle, *Sitten, Bräuche und Meinungen des Tiroler Volkes* (Innsbruck, 1871), pp. 235, n.ºs 44 e 45.

4. O mesmo Zingerle no seu escripto *Das deutsche Kinderspiel im Mittelalter* (Sitzb. d. K. Akad. d. Wissenschaften zu Wien. Phil.-hist. Cl. LVII Bd. I. Heft), p. 166 cita uma antiga versão allemã collida por Johannes Agricola (n. 1:492) nos seus *Sprichwörter*.

6. Versão suissa em *Basterische Kinder-und Volksreime* (Basel s. d.), n.ºs 6 e 7 (pp. 2 e 3).

7. Versão bretã publicada por L. F. Sauvé in *Revue celtique* v, p. 180-181.

8. Versões andaluzas, em F. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, vol. I, n.ºs 1029-1033.

F. ADOLPHO COELHO.